

### **O *locus* da língua: reflexões metateóricas acerca da noção de língua como um fato social em William Labov<sup>1</sup>**

The *locus* of language: metatheoretical reflections on the notion of language as a social fact in William Labov

**Daniel MARRA\***

INSTITUTO FEDERAL DO TOCANTINS – IFTO/BRASIL

**Sebastião Elias MILANI\***

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOLÁS – UFG/BRASIL

#### **RESUMO**

Este artigo trata da noção de língua como um fato social e de sua reelaboração empreendida por William Labov. Adotando uma postura antirreducionista, Labov considera desnecessário recorrer às bases psíquicoindividuais ao explicar o fenômeno da mudança linguística. Recorre, para tanto, à noção de comunidade de fala como o legítimo *locus* da língua. Tal postura deixa emergir certas incongruências teórico-metodológicas.

---

<sup>1</sup> Os autores agradecem à professora Dr<sup>a</sup>. Tânia Ferreira Rezende Santos pelas leituras deste texto durante sua confecção. Seus questionamentos e posições discordantes sobre alguns apontamentos estimularam e conduziram as reflexões do texto ora apresentado. Longe de refletir o posicionamento da Prof<sup>a</sup>. Tânia sobre tais questões, este texto não teria os contornos que o definem sem suas instigantes provocações.

\*Sobre os autores ver página 70.

**PALAVRAS-CHAVE:** William Labov. Língua. Fato Social. Comunidade de Fala. Indivíduo.

*ABSTRACT*

*This article deals with the notion of language as a social fact and its reworking undertaken by William Labov. Adopting an antireductionist posture, Labov considers it unnecessary to rely on the psychoindividual bases to explain the phenomenon of linguistic change. He resorts, thus, to the concept of speech community as the legitimate locus of language. Such attitude allows the emergence of certain theoretical and methodological inconsistencies.*

*KEYWORDS:* William Labov. Language. Social Fact. Speech Community. Individual.

## 1 Introdução

William Labov compreende a língua como um fato social que é exterior ao indivíduo e sobre o qual exerce coerção. A fonte básica da noção de fato social é a de Émile Durkheim (2007[1895]), que, ao definir o objeto de estudo da Sociologia, o concebeu como uma realidade exterior ao indivíduo, dotada de forças coercitivas que se impõem a sua vontade.

No campo da Linguística, as discussões de Whitney (1884 [1867]), que considerava a língua uma instituição social, cuja posse é da sociedade e sobre a qual a ação individual é limitada, já imprimiam nela as características próprias dos fatos sociais. Whitney foi, certamente, uma das fontes de Saussure (2006, [1916]), que conceituou a língua como um fato social e deu ênfase ao seu caráter de exterioridade em relação ao indivíduo. Diferentemente de Saussure, que não indicara a origem dessa noção, Meillet (1948 [1905-1906]) definiu a linguagem<sup>2</sup> como um fato social, recorrendo ao conceito estabelecido por Durkheim. Finalmente, Labov (1966 [2006], 1991 [1972], 2001, 2010), declarando-se

---

<sup>2</sup>Meillet, em suas discussões, não fez distinção entre língua e fala e preferiu utilizar a terminologia *linguagem*. Esta não era compreendida como uma capacidade inata como era para Whitney, Saussure e também Labov, mas de uma posse concreta adquirida através do contato social. Meillet, ora fala de *linguagem*, ora fala de *uma língua*, e as define indistintamente. Para o autor, a linguagem é um fato social, e cada língua, e toda língua, como noção particular e concreta, é também um fato social (cf. MEILLET, 1948 [1905-1906]; MARRA; MILANI, 2012).

influenciado por Meillet, reelaboraria tal conceito, insistindo no caráter de independência da língua em relação à ação individual.

As discussões que compõem este artigo se orientam pelo método da Historiografia Linguística. Esse campo de conhecimento linguístico foi definido por Cristina Altman (1998, p. 25) como tendo objetivos de “descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo”. Tais discussões podem também ser classificadas como “reflexões metateóricas”, que, segundo Ester Figueroa (1994, p. 4), são “as crenças subjacentes que geram uma abordagem particular. Metateoria pode ser também chamada de ideologia ou pressuposto teórico”.

## **2 O estudo da língua como um fato social**

Como será mostrado a seguir, Labov compartilha do conceito saussuriano de *langue* como um fato social, entretanto diz que distinção *langue/parole* produziu um paradoxo inconsistente com o estudo da língua no contexto social. O sociolinguista jamais fez referência às teorias de Durkheim para apoiar argumentos seus, por outro lado, exaltou a influência deste sobre Meillet. Disse, além disso, seguir o posicionamento de Meillet que rejeitava as teses de Gabriel Tarde (1843-1904) de que os fatos sociais pudessem ser redutíveis às manifestações individuais.

Meillet, enquanto contribuía com o jornal de Durkheim, *L'année Sociologique*, definiu a linguagem como um fato social e disse que sua definição se encaixava “exatamente na definição que Durkheim” propusera (MEILLET, 1948 [1905-1906], p. 230). Desse modo, defende-se aqui o argumento de que se Labov tem em Meillet respaldo teórico que reforça suas reivindicações a favor do estudo da língua como um elemento exterior ao indivíduo, cuja posse é da comunidade de fala, logo, indiretamente, Labov compartilha das teses durkheimianas.

A concepção de língua como um fato social permitiu que Labov (1966) assegurasse que o indivíduo falante não constituía uma unidade significativa em sua abordagem, isto é, que esse elemento não deveria

ser considerado na explicação de um determinado fenômeno linguístico (*e.g.* a mudança linguística). Os indivíduos apenas forneceriam os dados para a descrição da comunidade, mas “o indivíduo não existe como um objeto linguístico” (LABOV, 2001, p. 33). Trata-se, claramente, de uma opção teórico-metodológica adotada pelo sociolinguista de não reduzir a explicação dos fenômenos sociais às bases comportamentais individuais. Posto de outro modo, o autor adotou uma abordagem de explicação antirreducionista da língua por crer que a língua não existe no indivíduo, mas na comunidade de fala, ou seja, o indivíduo apenas reproduz o padrão coletivo. Esses apontamentos são reforçados com a seguinte observação de Labov em sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês na cidade de Nova Iorque:

A fala de um indivíduo nova-iorquino, estudada em si, apresenta tanta variação que foi caracterizada como um caso de grande “variação livre”. Mas quando o comportamento dessa fala é estudado no contexto mais amplo da comunidade é visto como sendo de alta sistematicidade, fazendo parte de uma estrutura abrangente de variação estilística e social (LABOV, 1966, p. ii)<sup>3</sup>.

Para Labov, a explicação para os fenômenos linguísticos que emergem da análise de dados linguísticos individuais não pode sair dos dados em si, mas do estudo do contexto mais amplo da comunidade em que esses indivíduos estão inseridos, isto é, a partir do comportamento do grupo, não do indivíduo. É importante destacar, no entanto, que se a fala de um indivíduo que apresentou variação e depois de ser comparada com as dos demais membros da comunidade mostrou-se sistemática é porque o indivíduo reproduz o padrão coletivo de forma coerente e, logo, não se pode descartá-lo na explicação das causas da mudança linguística.

Nos anos 1970, através do projeto “Variação e Mudança Linguística na Filadélfia”, Labov iniciou uma busca pelos líderes da mudança linguística através do estudo de vários componentes da estrutura social e foi estreitando suas análises até que os líderes foram localizados como indivíduos específicos. Assim, as variáveis linguísticas

<sup>3</sup>Todas as citações da obra de Labov foram traduzidas do inglês pelos autores deste artigo.

foram correlacionadas com os indicadores sociais: o grupo étnico, a classe social, o gênero, a faixa etária e a localização dos indivíduos em redes sociais e bairros (cf. LABOV, 2001).

Nesses estudos, foram identificadas algumas personagens com comportamentos que denunciavam suas posições de liderança no processo da mudança. Tratou-se de meia dúzia de indivíduos que se destacaram entre mais de uma centena de outros informantes da pesquisa do autor. Após a correlação das variáveis sociolinguísticas com as categorias que definiam tais indivíduos, Labov observou que eles apresentavam os mais elevados níveis de uso das variáveis, revelando, assim, que eles desempenhavam papéis importantes no avanço das mudanças observadas.

Nota-se que Labov, ao restringir o foco de sua observação à análise do comportamento de seis indivíduos e buscar neles o retrato de um líder da mudança linguística, não conseguiu se esquivar daquilo que ele mesmo chamou de “Paradoxo Saussuriano”.

Se todos possuem o conhecimento da estrutura da língua, se a *langue* é “um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro” (...), seria possível se obter os dados através do testemunho de qualquer pessoa – até mesmo de uma única pessoa. Por outro lado, dados da *parole*, ou fala, poderão apenas ser obtidos através do exame do comportamento dos indivíduos ao fazerem uso da língua. Assim, temos o “Paradoxo Saussuriano”: o aspecto social da língua é estudado através da observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual somente através da observação da língua em seu contexto social (LABOV, 1991 [1972], p. 186).

As conclusões de Labov sobre as características dos líderes da mudança linguística requerem, assim, que se retomem as discussões evidenciadas por ele mesmo (LABOV, 1966) de que o indivíduo não é uma unidade de análise linguística e que, por isso, não é um objeto de estudo em sua abordagem. Afinal, o indivíduo é ou não um elemento a que se deva recorrer para explicar a mudança linguística? Labov já respondera negativamente a essa questão. Teria, pois, o autor reconsiderado seu

posicionamento anterior, já que suas últimas discussões (LABOV, 2001) estiveram focadas em indivíduos específicos, identificados por nomes (diferenciador de dados), endereços, gênero e idade (indicadores sociais)?

Obviamente, Labov se disse consciente de que esse foco em indivíduos poderia contradizer sua argumentação anterior e se justificou dizendo que, ao buscar compreender as forças que operam a mudança linguística, foi necessário restringir o foco à análise do comportamento de umas poucas pessoas. Dessa forma, foram estudadas suas declarações, suas histórias sociais e suas filosofias de vida. Além disso, o autor argumentou que sua investigação não se tratou de uma busca por indivíduos, mas por “localizações e tipos sociais” (LABOV, 2001, p. 33-34).

Essa postura de Labov evidencia suas ressalvas com tais questões, já que ele parece responder a possíveis questionamentos sobre essa dissociação entre indivíduo e comunidade que permanece controversa. Outro problema está na oposição *indivíduo* e *tipos sociais* mantida por Labov, fazendo-se necessária numa adequada definição de indivíduo e de *tipo social* para uma compreensão mais profunda das relações desses elementos com a explicação dos fenômenos linguísticos.

## 2.1 Casos e tipos sociais

Wright et al. (1992), ao revisarem metodologias que ora se concentram no holismo metodológico, ora no individualismo metodológico, argumentam que a proposta reducionista do individualismo metodológico é, muitas vezes, insuficiente já que “a ciência tem pretensões explicativas que vão além de casos particulares” (WRIGHT et al., 1992, p. 116). Para os autores, a explicação do funcionamento dos casos singulares, apesar de útil, é falha, pois se quer explicar também o que diversos eventos e objetos têm em comum. Os autores introduziram em suas discussões as distinções *casos* e *tipos*: casos seriam exemplos particulares; tipos, características comuns que os casos podem ter. “Uma greve particular – um caso singular – pode ser compreendida numa variedade de ‘tipos’ possíveis: greves, lutas de classe, conflitos sociais etc.

(...) 'Tipos são categorias gerais que compreendem eventos ou exemplos particulares' (WRIGHT et al., 1992, p. 116).

Essa discussão da natureza dos casos e tipos é esclarecedora da análise de Labov sobre os líderes da mudança linguística. O autor argumentou que sua busca pelos líderes não se tinha tratado de uma busca por indivíduos, mas por localizações e *tipos sociais*. Pode-se, então, pensar nos líderes, nos indivíduos pesquisados pelo autor, como casos singulares, que dividiam características semelhantes, por exemplo, mostraram padrões de uso similares das variáveis linguísticas. Entretanto, foram localizados como pertencentes a tipos sociais diversos, por exemplo, pertenciam a classes sociais diferentes. Pode-se dizer também, com base na descrição dos líderes de Labov (2001), que um líder da mudança linguística é um tipo social do qual Rick C., Barbara C. e Diane S. são casos singulares, localizados no grupo da *Wicket Street*, do bairro *Kensington*, região da Filadélfia. Da mesma forma, Celeste S., Teresa M. e Aileen L. são casos identificados em *Clark St.*, uma comunidade centralmente localizada na hierarquia socioeconômica daquela cidade.

A *tipologia* de Labov dos líderes da mudança linguística os descreveu como mulheres que alcançaram posições econômica e socialmente respeitadas em redes sociais locais. Quando adolescentes, essas mulheres teriam se mostrado resistentes à autoridade dos adultos, principalmente quando considerada injusta, e aos poucos teriam ganhado espaço dentro da estrutura social local. Suas posições centrais dentro da comunidade revelavam indícios da influência que exerciam sobre suas amigas e conhecidas. Suas conexões com pessoas de fora do bloco sugeriam a rota pela qual suas influências fluíam através do bairro até afetar toda a cidade (cf. LABOV, 2001).

Desse modo, parece não haver incoerência na forma como Labov trata da relação língua e indivíduo. O estudo dos casos singulares empreendido pelo sociolinguista não buscava explicar o fenômeno da mudança linguística através do uso ou da ação individual. De modo semelhante, a análise do caso individual não buscava compreender o comportamento linguístico do indivíduo: os altos usos de suas variáveis

já haviam sido revelados nas análises anteriores e os excessos não foram considerados relevantes; objetivava mostrar as propriedades relacionais que definiam tais líderes. Desse modo, o posicionamento antirreducionista de Labov permitiu-lhe pensar que tais propriedades relacionais não poderiam ser redutíveis a propriedades atomísticas.

É interessante, no entanto, notar que a descrição das líderes da mudança linguística as revelou como agentes não conformistas, isto é, que transgridem os padrões sociais pré-estabelecidos, como as normas linguísticas. As líderes foram até mesmo descritas como *agentes*, em certa medida, *egoístas*, “que cuidam do interesse próprio”; ou mesmo, como *agentes cónscias e racionais*, que conhecem as regras da negociação linguística e sabem como continuar diante das situações que exigem sua ação:

A história de nossas líderes da mudança linguística é uma história de não conformidade, e suas posições sociolinguísticas são uma demonstração de não conformidade [...]. As difusoras eram pessoas que combinavam uma ideologia não conformista com a habilidade de cuidar dos próprios interesses [...]. Mas suas primeiras armas eram linguísticas: negociação, persuasão e denúncia, todas associadas a uma profunda intolerância à mesquinhez, à hipocrisia e à injustiça. Essas são as qualidades que constituem uma grande líder da mudança linguística (LABOV, 2001, p. 409-410, *passim*).

Pode-se argumentar, desse modo, que, se o indivíduo que lidera a mudança linguística tem um perfil definido, como o de transgredir as normas pré-estabelecidas, então a mudança linguística começa com o indivíduo falante.

## 2.2 A língua como uma realidade abstrata que emerge da média estatística

Para Labov, a língua e a variação linguística não se localizam no indivíduo, mas na comunidade de fala. Assim, a língua e a variação por serem fenômenos sociais só poderiam ser investigadas empiricamente, não através da introspecção ou da autoconsciência (1991 [1972], p. xiii). Nesse



caso, pode-se perceber um paralelo entre o pensamento do sociolinguista com o *dictum* durkheimiano de que “toda vez que um fenômeno social é diretamente explicado por um fenômeno psíquico, pode-se ter a certeza de que a explicação é falsa” (DURKHEIM, 2007 [1895], p. 106).

A abordagem de Labov de estabelecimento de correlação entre as estruturas social e linguística apresenta um paralelo com a metodologia de Durkheim que constituiu o modelo geral para a Sociologia. O trabalho realizado por Labov depende de artifícios metodológicos que são amparados por análises estatísticas. Novamente, não se pode ignorar o pensamento de Durkheim como sendo pioneiro nesse tipo de pesquisa. Para Durkheim (2007 [1895], pp. 7-8), as formas coletivas de agir e de pensar assumem uma espécie de corpo, uma *alma coletiva*, uma realidade *sui generis*, que antecede e que é diferente dos fatos individuais, ou mesmo que “isola os fatos particulares”. O isolamento dos fatos particulares feito pelo pesquisador se processa por meio de “artifícios de método”. Aliás, o sociólogo considerava indispensável esse procedimento se se quisesse “separar o fato social de toda mistura para observá-lo no estado de pureza”. Os fatos sociais apareceriam, num primeiro momento, como “inseparáveis das formas que assumem nos casos particulares”. O método estatístico, no entanto, forneceria “o meio de isolá-los”. A média estatística seria, então, tomada como representação da *alma coletiva* em sua mais pura forma, uma vez que ela anula as irregularidades do comportamento individual.

A ideia de que a realidade social ou de que os fatos sociais se encontram na *média* das ações coletivas antecede as discussões de Durkheim e está presente nas teorizações de linguistas como William Whitney (1884 [1867]) e Hermann Paul (1891 [1880]). Para Whitney, a língua representava a *totalidade* das línguas individuais, mas devido às variações individuais dever-se-ia considerá-la como sua *média*; para Paul, o estudo comparativo dos idioletos produziria uma média que seria representativa do essencial da língua.

Saussure também compreendia a língua como a totalidade das imagens verbais presentes em todos os indivíduos. Os indivíduos

internalizariam a língua pela prática da fala que se tornaria “um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 27), mas que só poderia ser considerada em sua completude ao se estabelecer seu meio-termo, ou sua *média*, presente em todos os indivíduos unidos por ela: “Entre todos os indivíduos assim unidos pela linguagem, estabelecer-se-á uma espécie de meio-termo; todos reproduzirão – não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos” (SAUSSURE, 2006, p. 21). A fala, por outro lado, devido às variações que são próprias dela, não poderia representar a *média*, mas a *soma* dos casos particulares. Saussure expressava, desse modo, uma visão extremamente restrita do componente individual. Suas considerações desse componente diziam respeito às vontades individuais de enunciar algo e aos aspectos da fonação articulatória individuais: “De que maneira a fala está presente nessa mesma coletividade? É a soma do que as pessoas dizem (...) não há mais que a soma de casos particulares” (SAUSSURE, 2006, p. 28).

Antoine Meillet (1948 [1905-1906]), que não fez distinção entre língua e fala, e preferia a expressão linguagem, estava de acordo com o fato de a realidade da linguagem emergir através da *média* dos enunciados produzidos pelos indivíduos. Da mesma forma, Joseph Vendryes, aluno e colaborador de Meillet, que compartilhava da conceituação do mestre, recorreu à noção de *consciência coletiva* de Durkheim ao dizer que a linguagem só estaria completa na coletividade: “a consciência individual é apenas parte da *consciência coletiva* que impõe suas leis para cada um dos indivíduos” (1921 [1914], p. 420).

De forma semelhante, Labov (2006 [1966], p. 6) caracterizou a cidade de Nova Iorque como “uma única comunidade de fala”. Para o autor, a comunidade de fala não se constitui de uma “coleção de falantes” que adquirem as características linguísticas uns dos outros. Ao homogeneizar metodologicamente a comunidade de fala, o pensamento de Labov também reflete a noção durkheimiana de *consciência coletiva*.

Contudo, embora tais linguistas sejam unânimes em afirmar que a língua emerge através da *média* das produções linguísticas dos falantes,

pode-se acrescentar outro ponto de vista sobre esse assunto. *A média não representa o essencial da língua, ela indica a sistematicidade presente nesse objeto.* Em outras palavras, a média ajuda o pesquisador a argumentar sobre a sistematicidade da língua. Assim, a língua não seria a *média*, mas a *regularidade*. A média é um recurso metodológico para comprovar a regularidade, é uma estratégia do pesquisador para defender seu ponto de vista.

### **3 Língua, comunidade de fala e a questão do indivíduo**

As distinções feitas por Saussure entre língua e fala na interpretação de Labov encerravam uma contradição a que ele chamou de Paradoxo Saussuriano. Para Labov (1991 [1972]), os estudos linguísticos de inspiração saussuriana, partindo dessa compreensão dicotômica da linguagem, iniciaram um processo de separação entre indivíduo e sociedade, ou seja, entre o que é interno e o que é externo no estudo da língua. Labov, compreendendo a língua como um fato social, diz que ela deve ser estudada como algo exterior ao indivíduo, pois se a língua pudesse ser definida como interna ao indivíduo, em qualquer momento de sua vida, este poderia fornecer dados coerentes para a sua descrição, algo que o autor não defende.

Labov (2010), em seu estudo dos fatores cognitivos e culturais que motivam a mudança linguística, reforçou a primazia da comunidade sobre o indivíduo. Declarou, além disso, que é na comunidade de fala que a língua encontra seu *locus*:

O dogma central da sociolinguística é que a comunidade é anterior (tem prioridade sobre) ao indivíduo. Isso significa que na análise linguística o comportamento de um indivíduo só pode ser entendido através do estudo dos grupos sociais de que ele é um dos membros. Seguindo a abordagem esboçada em Weinreich et al. (1968), *a língua é vista como um padrão abstrato localizado na comunidade de fala, exterior ao indivíduo* (...). Segue-se que o indivíduo não é uma unidade de análise linguística. Embora os registros e julgamentos em que este trabalho é baseado sejam colhidos de indivíduos falantes, o foco não

está em seus comportamentos idiossincráticos, mas, em vez disso, na forma como *eles se conformam aos padrões generalizados da comunidade* (LABOV, 2010, p. 7, grifos nossos).

Nota-se que Labov insiste no caráter de exterioridade da língua em relação ao indivíduo. Na formulação do já mencionado *Paradoxo Saussuriano*, Labov discordara da declaração de Saussure de que a língua é um sistema abstrato que se localiza na mente do indivíduo. Dessa forma, a adoção do conceito de *comunidade de fala* parece representar uma tentativa de explicar a língua sem referência aos indivíduos. Mas se não é na mente do indivíduo, onde se deve localizar a língua? O que é a comunidade de fala?

Para Labov (1991 [1972]), a comunidade de fala constitui a mais importante realidade social e se opõe à noção de indivíduo. Ela representa um grupo que divide *valores normativos* sobre a língua: dentro do mesmo grupo ou da mesma comunidade de fala há subgrupos definidos em termos de classe e *status* socioeconômico, ou seja, a comunidade de fala é estratificada em classes. As mudanças sonoras podem originar-se tanto em subgrupos de *status* socioeconômico baixo quanto em subgrupos de alto *status*, mas é o alcance da disseminação de uma mudança que define os limites de uma comunidade de fala. Quando uma mudança sonora com seus valores associados alcança o limite de sua expansão, a variável linguística envolvida se torna numa das normas que definirá uma comunidade de fala.

Assim, Labov define uma comunidade de fala pela participação dos falantes num conjunto compartilhado de normas que podem ser observadas através da forma como os indivíduos se comportam linguisticamente e pela uniformidade de padrões abstratos de variação encontrada na comunidade. Figueroa (1994) chama a atenção para a distinção que Labov faz entre *sistema linguístico*, que é supraindividual, algo que o indivíduo adquire pelo simples fato de crescer em uma comunidade, e *sistema sociosemiótico/sociossimbólico*, que é o objeto valorativo, isto é, que é sujeito a julgamento de valor; algo que o indivíduo adquire por outros meios, que ele pode manipular por razões simbólicas. Posto

de outro modo, uma vez que o sistema linguístico é supraindividual, um determinado elemento linguístico como o *a*-breve, característico da comunidade de fala branca da Filadélfia, é aprendido de forma inconsciente pelo indivíduo durante sua infância na comunidade. Outro indivíduo adulto que queira fazer parte dessa comunidade de fala, ou que queira falar como seus membros, deverá interpretar o *a*-breve como sendo o elemento normativo que define essa comunidade. É nesse sentido que determinado elemento linguístico pode ser considerado tanto parte de um sistema linguístico supraindividual quanto parte de um sistema sociossimbólico, em que sistemas de valores estão envolvidos e, nesse caso, o aprendizado das normas linguísticas do grupo só pode ocorrer de forma consciente.

Figueroa (1994) chama a atenção para a explicação de Labov de como a *langue*, um sistema supraindividual, torna-se parte do indivíduo. A criança seria exposta primeiramente à língua da mãe e depois à língua dos pais, sempre de forma inconsciente, sendo os pais os que mais afetarão a língua da criança durante seu desenvolvimento. A influência exercida pelas outras pessoas não termina na infância ou na adolescência. No entanto, embora o indivíduo possa alterar suas formas linguísticas na idade adulta para adaptá-las à pronúncia da comunidade, o sistema que ele aprendeu dos pais continua sendo sua base linguística mais consistente.

Percebe-se, assim, que Labov não desconsidera a ação individual no processo de aquisição e de reelaboração linguística, o que ele rejeita é que a língua seja uma propriedade do indivíduo. A língua é uma propriedade da comunidade de fala e, como tal, a língua oferece os elementos necessários para definir e descrever a comunidade: “através das observações do comportamento linguístico é possível fazer estudos detalhados da estrutura da estratificação de classe em uma determinada comunidade” (LABOV, 1991 [1972], p. 121).

Labov estuda os indivíduos porque eles fornecem os dados para descrever a comunidade de fala, ou seja, o autor subordina os indivíduos à comunidade de fala e trata o comportamento linguístico do indivíduo

como sendo determinado por ela. Figueroa (1994, p. 89), percebendo contradições como essa no pensamento de Labov, colocou a seguinte questão: “como se pode sustentar que a língua está localizada na comunidade enquanto o comportamento linguístico estudado é extraído de indivíduos?” Para a autora, Labov responderia a essa questão dizendo que a particularidade do indivíduo deveria ser ignorada e que ele deveria ser definido em termos de categorias supraindividuais como classe e gênero. Nesse sentido, o indivíduo é tratado como um *caso* particular de um *tipo* social definido em termos de classe e gênero, e a fala dele é analisada como um *caso* singular identificado entre um *tipo* (e.g. uma norma linguística adotada por um grupo).

#### 4 O *locus* da língua: problematizando a questão

Conforme discutido no item anterior, a obra de Labov permite que se façam inferências sobre a forma como ele compreende a noção de indivíduo. Certamente, o autor não compreende o indivíduo nos termos da filosofia clássica, um indivíduo uno, coerente e consciente. O indivíduo, cujos dados linguísticos ele recusa tomar ao fazer declarações sobre a natureza da língua, é o ser social que aprendeu a língua e as demais normas sociais com a família e a comunidade. Logo, se o indivíduo a que Labov faz referência é esse ser social, que compartilha das normas linguísticas do grupo, seria possível pensar que o indivíduo oferecesse dados coerentes para a descrição da natureza da língua e da comunidade a que pertence.

É incongruente a insistência de Labov numa noção de língua como um padrão abstrato, exterior ao indivíduo e presente na comunidade de fala. É a dualidade indivíduo e comunidade de fala que está em questão. A noção de exterioridade presente em sua noção de língua está relacionada a sua determinação de que é apenas na comunidade de fala que a língua ganha possibilidade real de uso. Daí ele considerar a comunidade como a mais importante realidade social. Assim, estudar a língua é estudá-la como uma propriedade da comunidade de fala, não do indivíduo, embora este seja portador da língua.

Uma leitura insipiente da declaração de Labov de que o *locus* da língua é a comunidade de fala permite que se pense que sua conceituação se trate de uma formulação metafísica, já que esse elemento não possui uma *psique*, receptáculo de um sistema abstrato. Além disso, Labov, ao adotar a noção de comunidade de fala, parece personificá-la, isto é, abstrai dos falantes características que transporta para ela. Mas essa noção é uma abstração, um artifício metodológico que o permite estudar a língua sem referência às bases psíquicas individuais. O indivíduo é considerado um mero receptáculo dos “padrões agregados da comunidade”, já que ele *se conforma* a tais padrões, visto que nada há que ele possa fazer diante do caráter coercitivo destes. Labov repete, assim, Durkheim que, ao definir a noção de “coerção social” como uma das características dos fatos sociais, diz que se trata de “uma realidade exterior aos indivíduos, os quais a cada momento do tempo, com ela *se conformam*” (DURKHEIM, 1987 [1895], p. 31).

Bakhtin (1981 [1929], p. 96) declarou que “todo procedimento abstrato, para se legitimar, deve ser justificado por um propósito teórico e prático preciso. Uma abstração pode ser fecunda ou estéril, útil para certos fins e determinadas tarefas e não para outras”. Assim, tomar a língua como um sistema abstrato é certamente um artifício metodológico que permite que o pesquisador isole elementos que compõem o sistema e os analise com ou sem referência ao seu contexto real de uso. Na abordagem laboviana, trata-se do isolamento de uma determinada variável linguística e da busca por correlações sociolinguísticas. Nesse caso, o contexto de uso da variável é determinante para que se possam conhecer as causas de sua variação e mudança. Daí a razão da noção de comunidade de fala ser fundamental nessa abordagem, pois ela abriga classes sociais diversas, que determinam os contornos diferentes da variável linguística, embora não seja apenas a classe social a determinar tais contornos.

As pesquisas de Labov dependem do registro da língua tal como ela é usada, e o autor desenvolveu artifícios que permitem a captação desse vernáculo. Nota-se, no entanto, que suas pesquisas são destinadas

a reforçar a sistematicidade e regularidade do funcionamento do sistema linguístico. Embora Labov (1971) afirme que o ponto de partida da análise sociolinguística é o vernáculo, isto é, o uso real da língua, sua determinação de estudar esse objeto como um sistema abstrato de normas o afasta de seu uso real. Além disso, a insistência do autor no caráter exterior e coercitivo da língua e no conceito de comunidade de fala como o *locus* desse elemento parece estar relacionada à sua tentativa de não incorrer no referido *Paradoxo Saussuriano*. No entanto, sua formulação beira o *metafísico*, pois a língua só pode ser exterior ao indivíduo particular, pré-social, não a todos os demais. Se ela é exterior àquele, estes já são portadores dela e continuarão sendo quando aquele deixar de existir.

A comunidade de fala representa, então, o lugar em que a língua existe coerentemente. Ela representa a média estatística de todas as formulações possíveis que seriam produzidas por indivíduos particulares. Estes não são coerentes: o indivíduo que se *conformou* ao padrão abstrato da língua fez isso de forma diversa dos demais. Todos eles apresentarão padrões diversificados, mas a média estatística das produções linguísticas dos falantes é que forma a língua da comunidade de fala. É, no entanto, incongruente conceber uma noção de indivíduo como um ser de tamanha passividade e de língua como um objeto “purificado”. No processo das trocas linguísticas a língua vai assumindo as marcas características dos indivíduos pertencentes a grupos linguísticos diversos. Essas marcas ficam registradas na língua e vão formando um “armazém cultural”, que é uma síntese do que são os indivíduos. A língua nunca é igual em nenhuma de suas realizações, pois aqueles que a falam, os indivíduos, nunca são iguais. São estes que fazem a língua.

A metodologia variacionista, no entanto, exclui da língua essas marcas individuais. A sociolinguística variacionista planifica a variação linguística ao trabalhar com a noção de média estatística. Os usos que os indivíduos fazem da língua variam de indivíduo para indivíduo: uns são mais criativos, outros mais cuidadosos; uns mais econômicos, outros mais espontâneos. Ao variacionista, no entanto, interessa a média produzida por todos esses indivíduos; as variações interindividuais não serão



consideradas. O grande problema com a noção de comunidade de fala de Labov é que ela traz consigo a ideia implícita do *falante ideal*<sup>4</sup>, um ser que, como se pode inferir, emerge no processo das análises estatísticas.

## 5 Considerações finais

Labov representa a síntese do pensamento de uma época. Num período anterior, início do século XX, o pensamento objetivista e sistemático de Saussure já pusera em perspectiva os estudos de natureza linguística até então, conferindo-lhes ordem, consistência metodológica e objetividade. O trabalho de Labov, ainda que em curso, pode ser analisado como uma tentativa de resolver inconsistências que permaneceram no pensamento de Saussure e dos pesquisadores que puseram em prática as ideias deste. Embora Labov tenha recusado a dicotomia língua/fala e tenha preferido expressões como *língua em uso* ou *língua em contexto*, a distinção indivíduo e comunidade foi mantida e acentuada em sua abordagem.

Como visto, Labov concorda com os argumentos de Whitney, Saussure e Meillet de que o essencial de uma língua está na média das produções linguísticas dos indivíduos que pertencem a uma comunidade. O argumento deste artigo é, no entanto, que, embora um único indivíduo socializado não possua interna a si a língua em toda sua completude, no sentido de todos os conceitos e imagens verbais, estrutura, cultura, costumes etc. que a compõem, pois uma língua é composta de elementos

---

<sup>4</sup>Deve-se ter claro que a visão de um *falante ideal* certamente não é defendida por Labov, pelo contrário, é combatida. É notório o embate teórico entre Labov e Chomsky, na década de 1960, momento em que seus campos de conhecimento se firmavam no interior da Linguística. Labov confrontava duramente os linguistas desse período, que priorizavam as determinações chomskianas de que o objeto da descrição linguística deveria ser “um falante-ouvinte ideal numa comunidade de fala completamente homogênea” (CHOMSKY, 1965 *apud* LABOV, 1991 [1972], p. 267), ou ainda, que a ênfase de tais estudos deveria incidir sobre “a evidência introspectiva e as intuições linguísticas dos falantes nativos” (CHOMSKY, 1965 *apud* LABOV, 1971, p. 437). Esse embate intelectual ocorria devido a opções teórico-metodológicas e a visões opostas que tinham a Sociolinguística e o Gerativismo. Enquanto o Gerativismo chomskiano era partidário do individualismo metodológico, a Sociolinguística laboviana defendia o holismo metodológico. Ambos reivindicavam suas metodologias como formas adequadas de se chegar à verdadeira compreensão da natureza da língua. Percebe-se assim que os confrontos que ocorrem entre os campos de estudos, cada um defendendo sua autonomia e sem limites por meio da definição de seu objeto e de suas deliberações metodológicas, acabam deixando o objeto confuso, como é o caso da noção de comunidade de fala, entendida como o *locus* da língua, discutida neste item.

que variam dependendo da localização geográfica, socioeconômica e temporal do falante, ele possui o suficiente para representar o mundo que o cerca e desempenhar seu papel de ator social de direitos e liberdades. Por esse prisma, pode-se dizer que a língua do indivíduo não é menos complexa que a totalidade que constitui a língua do grupo, logo, ela não é menos língua. Pode, portanto, se constituir num objeto legítimo de descrição e análise linguística, pois a língua do indivíduo é uma reelaboração da língua do grupo.

Argumenta-se, finalmente, que o estudo da língua pode ocorrer dentro de uma abordagem que adote um método explicativo cujo foco esteja na forma como os indivíduos adquirem a língua como um fato social e, portanto, que parta de um nível micro de análise. Mas também pode ocorrer no interior de uma abordagem que queira mostrar como o fato social enquanto posse coletiva se transforma através dos usos que os indivíduos fazem dele e, nesse caso, deve-se adotar um método explicativo que dê conta de fenômenos macrosociais. Nesse sentido, não se pode dizer que o método de análise laboviano é um método inadequado, mas simplesmente que não atende a explicações de um nível micro. Conforme argumentam Wright et al. (1992), a ciência tem pretensões explicativas que vão além de casos particulares, isso, porém, não quer dizer que os casos singulares não sejam explicáveis ou que não sejam importantes. Aliás, é pelo estudo dos casos singulares que se pode perceber que os indivíduos não adquirem da mesma forma as prescrições dos fatos sociais. É através desse método que se poderá entender como os indivíduos adquirem os padrões sociais agregados e os reproduzem em suas relações cotidianas.

## REFERÊNCIAS

ALTMAN, C. **A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. de Michel Lahud et al. São Paulo: Hucitec, 1981 [1929].

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. Trad. de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Editora Nacional, 1987. Edição original: 1895.

DURKHEIM, E. **As Regras do Método Sociológico**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Edição original: 1895.

FIGUEROA, E. **Sociolinguistic Metatheory**. Oxford: Pergamon, 1994.

LABOV, W. Methodology. In: W. DINGWALL, William Orr (Ed.). **A survey of Linguistic Science**. Maryland: University of Maryland Press, 1971.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991. Edição original: 1972.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**. Social Factors: Volume 2. Malden & Oxford: Blackwell Publishers Inc., 2001.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York city**. Cambridge, Massachusetts: Cambridge University Press, 2006 [1966].

LABOV, W. **Principles of linguistic change**. Cognitive and Cultural Factors: Volume 3. Malden & Oxford: Wiley-Blackwell Publishers Inc., 2010.

MARRA, D.; MILANI, S. E. Uma teoria social da língua(gem) anunciada no limiar do século XX por Antoine Meillet. **Linha d'Água**, São Paulo, v. 25, n. 2, 2012, p. 67-90.

MEILLET, A. **Linguistique Historique et Linguistique Générale**. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948.

PAUL, H. **Principles of the History of Language**. London: Longmans, Green & Co., 1891. Edição original: 1880.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. A. Chelini. J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006. Edição original: 1916.

TARDE, G. **Les lois de l'imitation**. Chapitre I à V. 2e édition, 1895. Disponível em: [http://classiques.uqac.ca/classiques/tarde\\_gabriel/lois\\_imitation/tarde\\_lois\\_imitation\\_1.pdf](http://classiques.uqac.ca/classiques/tarde_gabriel/lois_imitation/tarde_lois_imitation_1.pdf). Acesso em: 09 Set. 2014.

VENDRYES, J. **Le Langage**: Introduction Linguistique a L'histoire. Paris: La Renaissance du Livre, 1921. Edição original: 1914.

WHITNEY, W. D. **Language and the Study of Language**: Twelve Lectures on the Principles of Linguistic Science. London: N. Trubnek & Co., Ludgate Hill, 1884. Edição original: 1867.

WRIGHT, E. O. et al. Marxism and Methodological Individualism. In: WRIGHT, E. O. et al. **Reconstructing Marxism**: essays on explanation and theory of history. Verso, London & New York, 1992, p. 107-127.

*Recebido em março de 2014*

*Aceito em julho de 2014*

## SOBRE OS AUTORES

**Daniel Marra** possui Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2012). É professor do Instituto Federal do Tocantins onde ministra no Curso de Licenciatura em Letras as disciplinas de Introdução aos Estudos Linguísticos, Fonética e Fonologia, Morfologia, Estudos Diacrônicos de Língua Portuguesa e Sociolinguística. Desenvolve pesquisa de Pós-Doutoramento em Linguística com o projeto “Isoglossas da fala goiana na fronteira Goiás-Bahia” (UFG), lidera o Núcleo de Pesquisa em Linguagens e Artes - (IFTO) e coordena o projeto “Construção do Acervo Audiovisual da Língua Falada no Tocantins” (IFTO).

E-mail: [danielmarra@ifto.edu.br](mailto:danielmarra@ifto.edu.br)

**Sebastião Elias Milani** possui Doutorado em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (2000) e é professor da Universidade Federal de Goiás - UFG. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Historiografia-Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: na graduação em Letras, Linguística Geral, Fonologia, Morfologia, Semântica, Linguística Diacrônica, Sociolinguística e Teoria Semiótica, e na pós-graduação em Linguística, Historiografia-

Linguística. É líder do grupo de pesquisa em Historiografia-Linguística - IMAGO - e da Rede de pesquisa LINGGO cadastrada na FAPEG.

E-mail: [sebaselias37@hotmail.com](mailto:sebaselias37@hotmail.com)